

O DISCURSO DO POLITICAMENTE CORRETO “CUSTE O QUE CUSTAR” (CQC)?

Danielle Christiane da Silva Viveiros
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – Brasil
(danielle_christiane@hotmail.com)

RESUMO: O humor sempre teve espaço considerável nas relações humanas como expressão da subjetividade. Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar as celeumas em torno do “politicamente incorreto” nos discursos humorísticos dos programas de comédia brasileira (“CQC”, “Comédia MTV”, “Legendários” e “Pânico na TV”) que têm uma forma discursiva polêmica, entretanto, muito fecunda em produzir reflexões via sua crítica ácida e corrosiva. Esses discursos humorísticos serão analisados como forma ou tipos de discurso que podem permitir uma produção de sentido contra-hegemônica ou diferenciada dos discursos dominantes, estando em consonância com a possibilidade de reflexões ocasionadas pelo cômico, a propósito da sociedade, do conhecimento, dos preconceitos e do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Politicamente Incorreto; Educação e Alteridade; Discurso Humorístico.

INTRODUÇÃO

Os discursos humorísticos, após momentos de maior ou menor aceitação, repressão e difusão, passam a ser, na atualidade, uma das principais formas de mediação das relações entre as pessoas, permeando e estando presente em diversas esferas sociais e discursivas. O trecho abaixo foi extraído do livro “O riso: ensaio sobre a significação do cômico”, uma reunião de três artigos publicados por Bergson, em 1899, que constituem um verdadeiro tratado sobre o humor.

Chamamos atenção para isto: não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele assumiu. Como é possível que fato tão importante, em sua simplicidade, não tenha merecido atenção mais acurada dos filósofos? Já se definiu o homem como "um animal que ri". Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dele faz. (BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987).

O tema abordado pelo filósofo permanece atual, como se pode depreender do aumento significativo do espaço social reservado às manifestações humorísticas. No Brasil, muito se produz em matéria de humor. Nos jornais de grande circulação,

escritores e chargistas fazem diariamente a crônica bem humorada da política e dos costumes. Emissoras de rádio destinam espaços valorizados a programas que debatem temas atuais em uma atmosfera descontraída, com estímulo a brincadeiras e a comentários jocosos. Emissoras de televisão, além de contarem com os tradicionais programas humorísticos, têm investido em novos formatos, como entrevistas com apresentadores comediantes e programas que fazem um misto de jornalismo e humor.

Casas de teatro têm sido palco para um novo grupo de humoristas, que, com apenas um microfone e um pedestal divertem plateias cada vez mais numerosas, ou seja, o humor de “cara limpa” (sem personagem ou figurino especial) e muitas histórias para contar (*stand-up comedy*). Os textos são críticos, com humor baseado nas reflexões do cotidiano, experiências pessoais e “neuroses urbanas”. Na internet, além dos *sites* que reproduzem piadas de autoria desconhecida, há os que apresentam uma produção própria, com textos, vídeos e charges, satirizando principalmente políticos e celebridades.

Entretanto, segundo Gruda (2013), se, ao longo do tempo, esse gênero textual esteve ligado à profanação, ao caos, à injúria, à virulência, “ao baixo”, sobressaindo-se pelo viés crítico impulsionado por tais características, atualmente, em nossa “Sociedade Humorística” como denomina Lipovetsky (2005), o discurso humorístico é enfraquecido no seu poder combativo e contestador ao passar, majoritariamente, a ter como características: uma postura *light*; ser meramente lúdico; e tornar-se cínico (BIRMANN *apud* KUPERMAN, 2003). Assim, no contemporâneo

o humor tem seus sentidos e propósitos primordiais silenciados, pois se em outros tempos estava ligado ao escárnio, à crítica ácida e agressiva, ao riso zombeteiro e ao discurso não oficial, o humor atual acaba por se tornar instrumento do esvaziamento de sentido tão em voga no contemporâneo. As ideologias, as posições e discursos [então] são neutralizados pelos gracejos lúdicos e divertidos [...]. (GRUDA, 2011, p.29)

A profusão dessas manifestações revela uma ampla liberdade de expressão, para cuja conquista o humor também teve sua parcela de contribuição. Jornalistas, escritores e comediantes saúdam essa liberdade, entendendo que o espaço para o humor não está a serviço apenas da diversão, mas também da crítica social. Há, contudo, quem considere que, no exercício dessa liberdade, excessos estejam sendo cometidos. Em resposta a isso, alguns afirmam não ser possível provocar o riso sem incomodar, já que o humor se constrói a partir de um olhar crítico sobre o comportamento humano.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as discussões em torno do “politicamente incorreto” nos discursos humorísticos dos programas de comédia brasileira (“CQC”, “Comédia MTV”, “Legendários” e “Pânico na TV”) que têm uma forma discursiva polêmica, entretanto, muito fecunda em produzir reflexões via sua crítica ácida e corrosiva, analisando alguns de seus desdobramentos e inserções na atualidade.

1. O PAPEL E OS LIMITES DO HUMOR NA SOCIEDADE

De acordo com Gruda (2013), anteriormente vivia-se em uma sociedade do conflito, onde as diferenças eram acirradas e os antagonismos sociais geravam embates, desordem e revoluções e na qual o humor crítico e agressivo, embora combatido pelos poderes e normatizações instituídas, tinha seu espaço e funções. Porém, a passagem para uma sociedade do consenso (e humorística), dominada pelo respeito exacerbado a diferença e por um discurso ético moralizante extremista, o humor para poder ser aceito deve, de fato, ter reios, regras e parâmetros de “boa conduta” estabelecidos *a priori* e, tal qual a maioria das coisas no e do mundo atual, a comicidade também tem de estar adequada, fundamentada e sintonizada ao discurso do politicamente correto.

Atualmente, tudo está “vigiado” pelo politicamente correto, o qual se julga, como discute Paula (2008), ser um tipo de discurso muito mais fascista do que aqueles ligados a censura imposta por ditadores, por exemplo. Pois, ao contrário do discurso dos regimes ditatoriais onde se ordena de forma *explícita* como as coisas devem/podem ou não devem/não podem ser, o que possibilita identificar, driblar e combater as opressões sofridas, o politicamente correto se impõe ao permear *sub-repticiamente todas as práticas sociais e discursivas*, o que acaba por inviabilizar e condenar previamente quaisquer comportamentos ou falas que não estejam de acordo com os moldes que este estabelece.

De fato, o movimento em defesa de um uso politicamente correto da linguagem fornece evidências vivas em favor da teoria da Análise do Discurso (AD) e, em especial, da afirmação de Bakhtin segundo a qual o signo não reflete, mas *refrata* a realidade, tornando-se, por consequência, uma arena da luta de classes (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1981, p. 46) Assim, suas implicações para as teorias do sentido são óbvias: mostra-se de forma muito clara como se dá a disputa pelo sentido de

certas palavras, pois o movimento consiste em grande parte nessa luta e na denúncia dos efeitos de sentido que o uso de certas formas implica.

Para Possenti e Baronas (2006, p. 49), tais palavras, cujo uso e cujo sentido se disputa, permitem assistir a várias micro-histórias semânticas de alto valor epistemológico, já que exibem claramente o processo de criação de certos efeitos de sentido. Além disso, e de forma talvez mais interessante, os dados manifestam discordâncias mesmo entre locutores que aparentemente deveriam estar do mesmo lado, se só houvesse dois lados, sobre quais sejam as palavras mais adequadas e quais os seus reais sentidos.

Segundo o pensador francês C. Lefort (1994 *apud* POSSSENTI; BARONAS, 2006, p. 52), o movimento do politicamente correto "é um fenômeno americano, anglo-saxônico, que é insuportável, mas que é interessante na medida em que parece traduzir algo de muito antigo em certa tradição de seita nos Estados Unidos. Como se tudo precisasse passar por uma regra para poder existir." Para outros, o fenômeno até pode ser tipicamente americano, mas isso não implica necessariamente a conotação de seita que Lefort lhe atribui. O filósofo Renato Janine Ribeiro (1992 *apud* POSSSENTI; BARONAS, 2006, p. 52), por exemplo, assinala que o movimento pode apresentar problemas, mas é resultado da organização das minorias, e que, se é fraco no Brasil, isso se deve mais a suas virtudes que a seus defeitos. Sua pouca força resultaria do fato de que as minorias aqui são pouco organizadas.

Os textos que contêm elementos relevantes, e dos quais se pretende esboçar uma análise neste trabalho, mostram claramente que há grupos organizados em torno dos sentidos das palavras e que lutam para que alguns sejam vitoriosos e outros, eliminados. Segundo esta perspectiva, considera-se realista pensar que se trata de exemplos vivos de que a significação só pode ser explicada através de uma história, concebida como luta de classes, luta que se dá tanto em torno de bens materiais quanto em torno de bens simbólicos (BOURDIEU, 1983).

Fato é que a origem do politicamente correto apresentou-se, exatamente, como uma filosofia legisladora, autolimpante, sobre o mundo dos exageros. É o que afirma Paula (2008, p.38)

Era preciso podar arestas, evitar abusos, promover sutilezas de práticas e discursos. Mas ironicamente, pondera-se, o politicamente correto transformou-se em uma moral não de sutileza, mas de *exagero*. Todas as

instâncias da vida social passaram a ser observadas e patrulhadas por uma ética ranheta e tola em seus excessos. Fumantes passaram a ser perseguidos, crianças estão sendo condenadas por “assediarem” sexualmente outras crianças e há indícios de que, brevemente, o chocolate será taxado como droga. Tudo em nome do bem, do que é certo e verdadeiro. Velhos não podem mais ser chamados de velhos, crianças transformaram-se em pré-adolescentes, e assim por diante. A noção ultrapassada da construção de uma sociedade em nome da fé e da moral, foi substituída pelo *discurso ético*, moralizante. (PAULA, 1998, p.38)

Segundo Possenti e Baronas (2006, p. 64), a materialização do politicamente correto, enquanto regra de escrita para evitar a linguagem sexista dos textos, por exemplo, é também bastante ilustrativa para as teses da AD. Essa identificação entre gênero gramatical e sexo dos seres se dá em função de uma compreensão que toma a língua como reflexo da sociedade. Assim, se a sociedade é machista e a língua o reflexo da sociedade, a língua também é machista. Esse equívoco, em última instância, nega a relativa autonomia do sistema linguístico em relação aos seus usuários. Caso não existisse essa autonomia relativa do sistema, tal qual asseverado pela AD, poderíamos pensar na seguinte analogia: se a sociedade é constituída por diferentes grupos sociais e a língua é o reflexo desses grupos, teríamos então tantas línguas quanto são as classes sociais. Como nos diz Pêcheux (1975/1995, p. 92):

[...] diremos que a ‘indiferença’ da língua em relação à luta de classes caracteriza a **autonomia relativa do sistema linguístico** e que dissimetricamente, o fato de que as classes não sejam ‘indiferentes’ à língua se traduz pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes... ‘a língua não é uma superestrutura’ e que ela não se divide segundo as estruturas das classes em ‘línguas de classes’, com suas próprias ‘gramáticas de classes’. (PÊCHEUX, 1975/1995, p. 92)

A citação de Pêcheux reforça a tese de que não existe relação direta entre língua e sociedade e/ou cultura. Contudo, não quer isso dizer que exista neutralidade, imparcialidade na produção de sentidos, pois todo processo discursivo é produzido no interior de uma formação ideológica.

Em 2005, a publicação da “Cartilha do Politicamente Correto e Direitos Humanos”, editada sob os auspícios da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, ligada diretamente à Presidência da República do Brasil, tornou-se fato emblemático envolvendo os discursos do politicamente correto, mesmo sendo recolhida na mesma semana em que foi publicada por determinação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva devido às reações adversas que nos suscitaram mais diversos segmentos da sociedade brasileira. Na cartilha há 96 verbetes que, segundo seus autores, “esconderiam”

preconceitos e discriminações contra pessoas ou grupos sociais e o que se pretendia era o abandono e/ou substituições por termos eufemísticos. Dentre as expressões destacam-se:

A COISA FICOU PRETA – aumento das dificuldades de determinada situação, traindo forte conotação racista contra os negros.

ANÃO: são vítimas de um preconceito peculiar: o de sempre serem considerados engraçados. Não há nada especialmente engraçado ter baixa estatura.

BAIANADA: atribui aos baianos inabilidade no trânsito. É um preconceito de caráter regional e racial, como os que imputam malandragem aos cariocas, esperteza aos mineiros, falta de inteligência aos goianos e orientação homossexual aos gaúchos.

BAITOLA: utilizada para depreciar os homossexuais, assim como “bicha” e “boiola.” Sugeridos como corretos: *gay* e entendido (a) – para homens e mulheres; lésbica – para mulheres; travesti e transexual – para transgêneros; bissexuais – para homens e mulheres.

BARBEIRO – motorista inábil, obviamente é ofensiva ao profissional especializado em cortar cabelo e aparar barba.

BURRO – Xingamento dirigido a quem se atribui falta de inteligência. Conferir às pessoas supostas características de animais é um dos recursos mais comuns para desqualificá-las.

GILETE: o termo adequado é bissexual.

MULHER DA VIDA OU DE VIDA FÁCIL: eufemismos para caracterizar a profissional do sexo, prostituta.

MULHER NO VOLANTE, PERIGO CONSTANTE: frase preconceituosa contra as mulheres, a quem se atribui menos habilidade no trânsito em comparação com os homens, contrariando, aliás, os levantamentos estatísticos.

NEGRO: a maioria dos militantes do movimento negro prefere este termo a preto. Mas em certas situações as duas expressões podem ser ofensivas.

PRETO DE ALMA BRANCA: um dos *slogans* mais terríveis da ideologia do branqueamento no país, que atribui valor máximo à raça branca e mínimo aos negros. Frase altamente racista e segregadora. (<http://bit.ly/1dD2wkQ>)

Para Gruda (2013), a cartilha foi uma iniciativa governamental que se engendra em um pensamento corrente e hegemônico de um mundo higienizado e “certinho”. Nada mais regrado e pautado por um “discurso ético, moralizante” do que uma cartilha indicando como se deve dizer isto ou aquilo. Como se as expressões sugeridas e consideradas “corretas” não carregassem outros tipos de preconceitos e conceitos, pois evidentemente o fazem, entretanto tais não estão escancarados como naqueles termos tidos como politicamente incorretos, mas fincados sutilmente em motivações ideológicas higienistas e homogeneizadoras.

Segundo Possenti e Baronas (2006, p. 68), essa cartilha é bastante interessante para os postulados da AD, pois está fundada numa concepção de linguagem referencialista que considera a existência de uma relação direta entre as palavras e as coisas. Desse ponto de vista, a língua seria uma espécie de variante antropológica a

histórica. Ou seja, para a cartilha, os sentidos preconceituosos dos termos citados estariam colados às palavras e não inoculados de historicidade como defende a AD.

Em outros termos, para a AD a língua não se constitui como uma mera nomenclatura das coisas existentes ao nosso redor, uma espécie de etiqueta que duplica o real. Ela é, na verdade, um sistema de signos, um conjunto de elementos que se relacionam ordenadamente dentro de um todo ou uma maneira de ordenar, de categorizar, de classificar as coisas que estão a nossa volta a partir de algo que foi pensado antes, independentemente. Como sistema de signos - sons, palavras e frases - a língua é relativamente autônoma. No entanto, a língua em funcionamento como processo discursivo se constitui na expressão de desejos, ideias, propósitos e é condicionada pela visão de mundo, pelas determinações sociais, históricas e culturais dos falantes.

2. “A ARTE DO INSULTO DOS POLITICAMENTE INCORRETOS”

“Com ofensas e piadas grotescas, o humorista Rafinha Bastos lidera a turma cada vez mais numerosa de comediantes fora do tom”, é com esse subtítulo que Maurício Xavier inicia o seu texto “O novo rei da baixaria”, matéria de capa da *Veja São Paulo* em 03 de outubro de 2011. O autor reconhece que “para fazer rir, é preciso ir além do que prega o senso comum. Em vários momentos, desafiar a patrulha politicamente correta. [...] Um passo em falso, no entanto, pode tirar o comediante do campo da irreverência e da ousadia e pôr tudo a perder. Quando a piada se sustenta sobre preconceitos ou grosserias gratuitas, o resultado é sempre constrangedor e ofensivo.”

Na lista dos mais populares e mais polêmicos está o ator e jornalista Rafinha Bastos de 36 anos, antigo humorista do programa “CQC”, da Band. Atualmente, está entre os trinta comediantes mais assistidos do mundo no *site* “YouTube.” Seus vídeos com trechos de apresentações, já somam mais de 70 milhões de visualizações. Recentemente foi considerado pelo jornal americano “The New York Times” o dono do perfil do “Twitter” mais influente do mundo (mais de 5 milhões de seguidores), à frente de nomes como Lady Gaga e Barack Obama. Na publicidade, foi visto em mais de 730 comerciais somente no ano de 2011.

Mas para alguns críticos, o efeito colateral de toda essa popularidade foi Rafinha Bastos “achar que tem o direito de fazer e falar qualquer coisa.” No dia 19 de setembro

de 2011, após uma cena que exibia a cantora Wanessa Camargo, grávida de cinco meses de seu primeiro filho, Marcelo Tas, companheiro do “CQC”, disse que ela está muito bonita grávida e Rafinha Bastos comenta: "Eu comeria ela e o bebê. Não tô nem aí."

No dia seguinte, vários *sites* criticaram a postura do humorista. O diretor artístico e de programação, Hélio Vargas, ligou pessoalmente para o empresário Marcos Buaz, marido de Wanessa, para se desculpar e a emissora resolveu afastar o humorista do programa. Após a punição, o comediante decidiu romper contrato com a emissora. Os próprios colegas de bancada do “CQC” comentaram a repercussão do caso: “Não gostei, isso não é piada, não se encaixa na categoria humor. É uma deselegância, uma agressão gratuita. Ele foi infeliz”, diz o comandante da atração, Marcelo Tas.

Segundo Xavier, não foi a primeira “derrapada feia do humorista.” Em maio de 2011, outra declaração provocou um tremendo mal-estar: “Toda mulher que vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade.” Trecho de piada de Rafinha durante seu *show de stand-up comedy*. Nesse caso, a reprimenda foi mais grave e o Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo entrou com uma representação no Ministério Público Estadual. Em julho, o próprio MP, por meio do Núcleo de Combate à Violência Doméstica e Familiar da Capital, requisitou ao Departamento de Polícia Judiciária da Capital a abertura de um inquérito policial para apurar uma suposta prática de incitação e de apologia do crime.

Pioneiro do estilo *stand-up comedy* no Brasil, Rafinha Bastos foi o criador do primeiro espetáculo solo do gênero, “A Arte do Insulto”, uma reunião de textos autorais testados em dois anos do *Clube da Comédia Stand-up*, *show* de sucesso em São Paulo desde 2004, gravado em DVD, em 2011. Em 2012, o Tribunal de Justiça de São Paulo acatou pedido de liminar da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Paulo e proibiu Rafinha de "vender, dispor à venda ou fazer circular" o DVD por conta de piadas que fazem menção a pessoas com deficiência intelectual que foram chamadas de “retardadas” no vídeo.

De acordo com os autos, a APAE reclama que em dado momento do *show*, Rafinha Bastos faz a seguinte piada: “Um tempo atrás eu usei um preservativo com efeito retardante... efeito retardante... retardou... retardou... retardou... tive que internar meu pinto na APAE... tá completamente retardado hoje em dia... eu tiro ele prá fora e

ele (grunhidos ininteligíveis).” Durante os grunhidos, ele faz gestos desconexos simulando ter alguma doença mental.

A proibição de comercialização do DVD abriu precedentes para a discussão sobre censura e o que é politicamente correto, além do prejuízo financeiro, mas não o fez parar de fazer piadas assim e nem que as pessoas parassem de rir delas. Aliás, no próprio *site*, o comediante diz estar mais ácido no lançamento do seu próximo DVD, “Em Péssima Influência”. O ator judeu e gaúcho não poupa nem suas próprias raízes: “o objetivo do meu texto não é ofender e sim arrancar risadas com textos e temas não muito convencionais para um espetáculo de humor.” Segundo Bergson (1987), um fator para a ocorrência do humor é se ter certa insensibilidade, pois:

[...] a indiferença é o seu ambiente natural. O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa feição, ou emudecer essa piedade. [...] o cômico exige como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. (BERGSON 1987, p. 13)

Outros humoristas da atual geração abusam das piadas ditas despropositadas. Danilo Gentili, ex-companheiro de Rafinha no “CQC”, escreveu, em maio de 2011, no *Twitter* a respeito da polêmica sobre a construção de uma estação do metrô na Avenida Angélica: “Entendo os velhos de Higienópolis temerem o metrô. A última vez que eles chegaram perto de um vagão foram parar em Auschwitz” (campo de concentração nazista na II Guerra Mundial). Muito criticado pelo hediondo comentário, Gentili visitou a sede da Confederação Israelita do Brasil e apresentou um pedido formal de desculpas ao presidente, Claudio Lottenberg.

Em sua coluna para a *Folha de S. Paulo*, Coelho (2011) escreve um texto intitulado “Politicamente fascista” no qual afirma que piadas politicamente incorretas ditas por comediantes brasileiros são na verdade politicamente fascistas.

Só que a palavra "fascista", hoje em dia, virou um termo... politicamente incorreto. Chegamos a um paradoxo, a uma contradição. O rótulo "politicamente incorreto" acaba sendo uma forma eufemística, bem-educada e aceitável (isto é, "politicamente correta") de se dizer reacionário, direitista, fascistoide. A babaquice, claro, não é monopólio da direita nem da esquerda. Foi a partir de uma perspectiva "de esquerda" que Danilo Gentili resolveu criticar "os velhos de Higienópolis" que não querem metrô perto de casa. Uma ou outra manifestação de preconceito contra "gente diferenciada", destacada no jornal, alimentou a fantasia mais cara à elite brasileira: a de que "elite" são os outros, não nós mesmos. Para limpar a própria imagem, nada melhor do que culpar nossos vizinhos. Os vizinhos judeus, por exemplo. É

este um dos mecanismos, e não o vagão de um metrô, que ajudam a levar até Auschwitz. (COELHO, 2011)

Pouco antes disso, o esquete “Casa dos Autistas”, veiculado em março de 2011 no *Comédia MTV*, de Marcelo Adnet, mostrou atores atuando, de forma equivocada, como deficientes mentais confinados em uma residência, em uma lamentável tentativa de parodiar o *reality show* “Casa dos Artistas”, do SBT. A repercussão negativa obrigou a emissora a divulgar uma nota oficial para se desculpar e afirmar que o programa “ultrapassou limites aceitáveis do humor.”

Durante um quadro dos “Legendários”, da Record, o apresentador Marcos Mion disse que a transexual Nany People tem “uma surpresinha” e perguntou: “Como ela faz para tomar banho? Como ela vai à piscina? O que ela faz com o pacote?”. Uma ONG ligada ao movimento *gay* não gostou e abriu um processo por homofobia. Mion afirma que está se policiando mais: “Eu já fiz humor do mal, era moleque e queria mudar o mundo. Mas hoje eu não conseguiria soltar uma piada sobre alguém que está sofrendo com um câncer ou com uma tragédia pessoal.”

O Programa “Pânico na TV”, da RedeTV, já recebeu 353 denúncias pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. As queixas se referem à exposição de pessoas ao ridículo, humor grotesco, excesso de nudez e palavras de baixo calão. Entre os quadros denunciados estão o “Momento Amy Winehouse”, em que um dos atores se veste como a cantora e sai pelas ruas agredindo as pessoas e “Em Busca da Musa da Beleza Interior”, em que eles abordam mulheres anônimas e as expõem de forma degradante.

Propp (1982, p. 108) diz que a comicidade decorre da percepção de algo ridículo ou por algum defeito oculto ser revelado repentinamente, o autor também salienta que “[...] a estupidez é o objeto principal de nossa zombaria, a maior fonte do cômico [...]”

Segundo alguns especialistas, o fato de muitos desses artistas terem sido criados na cultura da *stand-up comedy* explica uma parte do problema. “Nos Estados Unidos, origem desse estilo, como o artista sempre faz piada sobre ele mesmo, ganha automaticamente o direito de rir dos outros”, diz Fábio Porchat, um dos roteiristas dos programas “Zorra Total”, “Junto e Misturado” e “Esquentá”, da Rede Globo. Esses espetáculos, no entanto, são produzidos para um público pequeno, que compra o ingresso já sabendo o que está por vir. A coisa ganha outra dimensão quando os excessos são veiculados na TV aberta, em geral ao vivo, para milhões de pessoas —

crianças, inclusive. Porchat criou, em 2012, a produtora de vídeo para a internet, “Porta dos Fundos”, que segundo ele tem “liberdade editorial de internet”, podendo aí fazer um humor “sem censura”.

No texto “A escola do avesso” (2008), José de Souza Martins utiliza-se da obra *Alice do outro Lado do Espelho*, de Lewis Carroll, para discutir o desencontro das várias linguagens, cada qual incompreensível no código da outra nessa sociedade dos avessos. Segundo ele,

na polêmica sobre o sentido das palavras que entreteve com o ovo Humpty Dumpty, Alice questionou-o em relação à tese de que podemos dar às palavras o sentido que bem entendermos. Para ela a questão é que as palavras têm o sentido que têm. Humpty Dumpty não se deu por achado e *tachou*: "A questão é quem deve ser o mestre", isto é, quem deve mandar e decidir o que as palavras significam. *Alice do outro Lado do Espelho*, de Lewis Carroll, é a melhor fabulação sobre a sociedade do absurdo e as grandes inversões de sentido da sociedade contemporânea. Uma sociedade que atravessou o espelho da realidade e tudo passa a existir ao contrário e a significar o oposto do que deveria significar. Tanto que, quanto mais se caminha, mais longe se fica do lugar ao qual se quer chegar. (MARTINS, José de Souza, 2008)

Sabe-se que o discurso da liberdade de expressão e o raciocínio de que a própria graça da piada dá a medida do que deve ser dito ou não. “Acho absurdo usarem o argumento da liberdade de expressão como justificativa para esse tipo de piada. Não foi para isso que pessoas morreram pela democracia”, diz o escritor, dramaturgo e jornalista Marcelo Rubens Paiva.

Mas há quem discorde disso. Um artigo intitulado “*Stand-up* brasileiro lidera revolução social contra elites poderosas”, publicado pelo jornal britânico “The Guardian”, em 2011, enaltece a postura de humoristas como Danilo Gentili e Rafinha Bastos como precursores de um movimento que quebra barreiras políticas e sociais impostas pela elite no país. Entre os argumentos está a leitura de que as piadas agressivas representam uma quebra com o aspecto da cultura brasileira que reverencia figuras famosas da política ou das artes. "O Brasil tem um longo histórico de sátiras expressas através da literatura, do teatro e da televisão, mas é a primeira vez que o país dispõe de um cenário tão vibrante em termos de *shows de stand-up*, apresentados por artistas que falam livremente o que lhes vêm à cabeça."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que este estudo se refere a um tema complexo, uma vez que o movimento por um comportamento politicamente correto tem méritos políticos óbvios.

Mas, em relação à linguagem, em concordância com Possenti e Baronas (2006, p. 69), cometem-se alguns equívocos relativamente banais: a) considera que a troca de palavras marcadas por palavras não marcadas ideologicamente pode produzir a diminuição dos preconceitos. Trata-se de uma tese simplista, já que é mais provavelmente a existência dos preconceitos que produz aqueles efeitos de sentido, embora não se possa desprezar o fato de que o discurso pode servir para realimentar as condições sociais que dão suporte às ideologias e aos próprios discursos. A hipótese das palavras "puras" é certamente ingênua; b) em certos casos, adota um "etimologismo" equivocado em relação à palavra, por exemplo, dizer que "mulato" seria politicamente incorreta e ofensiva pelo fato de ser derivada de "mula" e c) frequentemente, quando não há uma palavra sinônima que certo movimento possa considerar politicamente correta (como é o caso de "homossexual", ao invés de "bicha", por exemplo), sugerem-se eufemismos de certa forma cômicos.

Nota-se que nesse cenário restritivo e coercitivo qualquer humor minimamente ligado ao politicamente incorreto tem de ser completamente extirpado e silenciado, o que se acredita ser absurdo, pois se compreende que a catarse produzida pelo humor politicamente incorreto, ao proporcionar dizer qualquer coisa sobre tudo, possibilita ocorrerem reflexões. Até porque, de acordo com Justo (2006, p.124), “o humorismo não é um gênero frívolo, por si, como a alegria não é um sentimento banal. São extremamente importantes e poderosos como recursos de transformação da subjetividade e do mundo.”

Embora, faça-se a ressalva de que o discurso do politicamente incorreto também é usado como escudo pelos conservadores e extremistas quando são tachados de preconceituosos pelo politicamente correto, apelando pela liberdade de expressão que o discurso do primeiro deveria ter.

Tanto a “Cartilha do Politicamente Correto” como as críticas a esses programas humorísticos se constituem na textualização de um processo linguístico e discursivo que tenta suprimir as desigualdades e as assimetrias nos direitos obrigações e prestígio de determinados grupos sociais. Em termos discursivos, o politicamente correto representa o que Fairclough (1994) denomina de tendência à democratização dos discursos. Fenômeno que pode ser observado também no “atenuamento” das hierarquias nas interações verbais, mesmo nas eminentemente formais; na simplificação das normas

conversacionais e nos gêneros discursivos orais e escritos que se alinham ao modelo de uma conversa sobre trivialidades entre amigos.

Desse modo, o humor politicamente incorreto produzido nesses novos formatos “escandaliza” porque não é apenas uma piada ou ironia, mas se constitui como uma prática que revela o estilo de vida de seu autor uma vez que a concepção de discurso aqui é analisada como prática social de sentido e de significados às ações cotidianas. Os discursos representam a própria prática discursiva e, portanto, são ações que dizem, por si mesmos, a sua intencionalidade.

Diante disso, a espontaneidade e a autorridicularização irônica que o autor faz de si, associa o humor a um *habitus* cultural do riso, o que não resulta apenas da situação narrada, mas do fato de ser inesperada, porque ninguém espera uma coisa tão politicamente incorreta. O sucesso desse novo formato de humor resulta da suspensão temporária das regras do politicamente correto que permite o público rir sem culpa, visto que a culpabilidade será atribuída apenas ao artista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. & VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BASTOS, Rafinha. **Rafinha Bastos**. Disponível em: <http://www.rafinhabastos.com.br>. Acesso em: 10 de junho de 2013.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Tradução, prefácio: Sérgio Miceli. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1983.
- COELHO, Marcelo. **Politicamente fascista**. Folha de S.Paulo. De: 18 de maio de 2011. Disponível em: <http://bit.ly/1efpxiI> Acesso em: 27 de maio de 2013.
- FAIRCLOUGH, N. **Conversationalization of public discourse and authority of the consumer**. In: KEAT, R.; WHITELEY, N.; ABERCOMBRIE, N. The authority of the consumer. London & New York: Routledge, 1994.
- GRUDA, Mateus Pranzetti. **O discurso do politicamente incorreto e do escracho em South Park**. 2011. 104 f. Relatório para Qualificação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.
- _____. **Os discursos do politicamente correto e do humor politicamente incorreto na atualidade**. In: Colóquio de Letras/UNESP/Assis. Disponível em: <http://bit.ly/JulNfw>. Acesso em: 08 de junho de 2013.
- JUSTO, José Sterza. **Humor, educação e pós-modernidade**. In: ARANTES, Valéria Amorin. (Org.). Humor e Alegria na Educação. São Paulo: Summus, 2006. p.103-112.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade humorística**. In: _____. A era do vazio. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

MARTINS, José de Souza. **A escola do avesso**. O Estado de S.Paulo. De: 15 de novembro de 2008. Disponível em: <http://bit.ly/19L8PQB>. Acesso em: 08 de junho de 2013.

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. **De Plenderleith a Al Gore: o ideário vigente na conservação de bens culturais móveis no século XXI**. An. mus. paul. vol.16 no.2 São Paulo July/Dec. 2008. Disponível em: <http://bit.ly/1hbD2O6>. Acesso em: 08 de junho de 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Les vérités de la Palice**. Paris: Maspéro, 1975. Edição brasileira: Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: ORLANDI, E. P. et. al. 2. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1995.

POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. **A linguagem politicamente incorreta no Brasil: uma língua de madeira?** Polifonia, v. 12, n. 2, Cuiabá, p. 47-72, 2006.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1982.

XAVIER, Maurício. **O novo rei da baixaria**. Veja São Paulo. De: 03 de outubro de 2011. Disponível em: <http://abr.ai/1feQKyf>. Acesso em: 10 de junho de 2013.